

FILOSOFIA

COM

**VIVIANNE
CATOLÉ**

Coruja é a ave soberana da noite. Para muitos povos a coruja significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não veem.

A coruja simboliza a reflexão, o conhecimento racional e intuitivo. Na mitologia grega, Atena, a deusa da sabedoria, tinha a coruja como símbolo.

A palavra inglesa para definir coruja é owl.

Os gregos consideravam a noite o momento propício para o filosófico. Pela sua característica de animal notívago (noite) os gregos consideravam a coruja como símbolo da busca pelo conhecimento.

Havia uma tradição que dizia que quem escuta os sons de previsão e clarividências, mos!

Enquanto todos dormem a coruja permanece vigilante e atenta aos barulhos das culturas uma poderosa e privilegiada.

A coruja tem a particularidade de observar algo ao menor movimento. As corujas são animais caçadores.

uma das
coruja-buraqueira, que tem esse nome porque
vezes a coruja-buraqueira utiliza

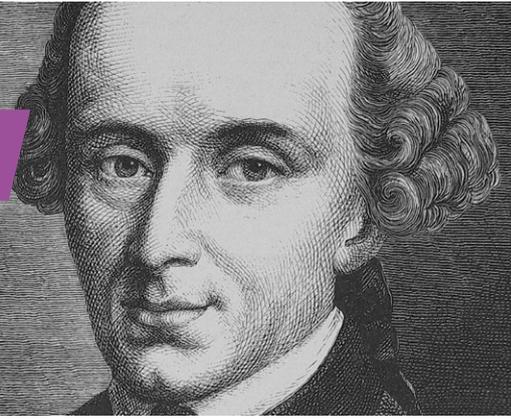
**FILOSOFIA MODERNA -
KANT E O FIM DA
METAFÍSICA CLÁSSICA**



**CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE**

FILOSOFIA MODERNA

KANT E O FIM DA METAFÍSICA CLÁSSICA



Immanuel Kant nasceu em 1724 em Königsberg, cidade da Prússia Oriental, de modesta família de artesãos. Morreu em 1804, nos seus últimos anos tornou-se quase cego, perdeu a memória e a lucidez.

A TEORIA DO CONHECIMENTO DE KANT: A CRÍTICA DA RAZÃO PURA

Kant surgiu como um crítico a um debate muito antigo entre racionalistas e empiristas sobre a relevância da razão e da sensação para a construção do conhecimento. Mas o que isso quer dizer? Por um ângulo, os racionalistas apontavam que o conhecimento era originado na razão, construído antes mesmo de qualquer experiência. Em contrapartida, os empiristas defendiam que cada homem nasce como um quadro em branco e o conhecimento parte das sensações. Em frente a isso, Immanuel Kant surgiu questionando o próprio conhecimento. Ao invés de analisar como ele é construído, indagou se o conhecimento é uma possibilidade verdadeira. Kant formula um projeto de filosofia Crítica que visa dar conta da possibilidade de o homem conhecer o real e de agir livremente.

Para Kant, o conhecimento é obtido com base na percepção do que ele chamou de **“coisa em si”**, que é o objeto. Esse processo dá-se pelo que o pensador denominou intuição, e é a racionalidade, por meio das faculdades mentais, que proporciona ao ser humano o conhecimento, pois a nossa mente é capaz de relacionar conceitos puros aos dados da percepção.

Para Kant, há a coisa em si e o conceito transcendental, sendo a nossa relação com esses dois elementos estritamente pessoal e psicológica, mas o fato de haver um conceito universal, que serve de parâmetro, impede que a teoria kantiana seja relativista.

Idealismo transcendental

Doutrina filosófica voltada para entender como ocorre o conhecimento humano, com base em noções como juízo analítico, juízo sintético e juízo estético.

O intelecto, diz-nos Kant, possui 12 categorias. A Razão possui tão somente três ideias que não constituem objetos, mas são reguladoras das ações. São elas:

- Ideia psicológica (alma);
- Ideia cosmológica (do mundo como totalidade);
- Ideia teológica (de Deus).

Um juízo consiste na conexão de dois conceitos, dos quais um (A) sempre cumpre função de sujeito e o outro (B) a de predicado. Vejamos quais são, segundo a Crítica da Razão Pura de Kant:

- **Juízos Analíticos:** são juízos em que o predicado (B) pode estar contido no sujeito (A) e, por isso, ser extraído por pura análise. Isto significa que o predicado nada mais faz do que explicar ou explicitar o sujeito. Ex.: “Todo triângulo tem três lados”;
- **Juízos Sintéticos a posteriori:** são aqueles em que o predicado não está contido no sujeito, mas relaciona-se a ele por uma síntese. Esta, porém, é sempre particular ou empírica, não sendo universal e necessária, portanto, não servem para a ciência. Ex.: “Aquela casa é verde”.
- **Juízos Sintéticos a priori:** são juízos em que também o predicado não é extraído do sujeito, mas que pela experiência forma-se como algo novo, construído. No entanto, essa construção deve permitir ou antever a possibilidade da repetição da experiência, isto é, a aprioridade, entendida como a possibilidade formal de construção fenomênica, que permite a universalidade e a necessidade dos juízos. A experiência aqui não é a mera deposição de fenômenos na mente em razão da sequência das percepções, mas sim a organização da mente numa unidade sintética daquilo que é recebido pela intuição. Kant concorda com Leibniz que “nada

há na mente que não tivesse passado pelos sentidos, exceto a própria mente”.

Logo, nem racionalismo dogmático nem empirismo, mas sim um racionalismo crítico ou criticismo é de que trata a filosofia kantiana. A ciência é uma construção humana. A razão deve buscar na natureza a conformidade que ela mesma coloca. Os a priori são a antecipação da forma de uma experiência possível em geral. E transcendental refere-se às estruturas a priori da sensibilidade e do intelecto humanos, sem os quais não é possível nenhuma experiência de nenhum objeto. É, pois, a condição de cognoscibilidade (intuibilidade e pensabilidade), ou seja, a condição de possibilidade de todo e qualquer conhecimento. É aquilo que o sujeito põe nas coisas no próprio ato de conhecê-las.

Por isso, no que tange à razão pura, as ideias não são objetos cognoscíveis, ou seja, não podem ser conhecidas pelos homens porque, apesar de serem objetos pensáveis, não podem ser intuídos e, dessa forma, Deus, Alma e o Mundo como totalidade não constituem coisas, mas regulam as ações do homem. São, pois, estudados na Ética, não na Ciência. São norteadores, não coisas, provocando erros e ilusões nos juízos científicos (os chamados paralogismos).

Outras contribuições...

No campo político, Kant escreveu o livro *A paz perpétua*, em que ele elabora um tratado de paz e cooperação universal imaginário entre os Estados. Esse tratado, de inspiração iluminista e republicana, visava a garantir a paz entre as nações, o respeito aos Direitos Humanos e à vida. A obra kantiana, publicada em 1795, influenciou fortemente a consolidação da Organização das Nações Unidas (ONU), mais de 150 anos depois.

Kant também escreveu um **artigo denominado “O que é esclarecimento?”** ou **“O que é Iluminismo?”**. A relação estabelecida entre iluminismo e esclarecimento dá-se na tradução dos termos para alemão (a palavra *Aufklärung* designa, simultaneamente, esclarecimento e iluminação) na obra de Kant. Elaborado em estilo de resposta à pergunta, o texto defende que o ser humano deve sair da “menoridade”, que seria o estado de desconhecimento que impede o desenvolvimento autônomo, e chegar ao conhecimento, que seria a garantia da autonomia e do esclarecimento.

Anotações